

PREVENDO O TEMPO EM TANQUINHO, BAHIA

MARIA VANILDA MORAES OLIVEIRA

Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Br 116, Km 03, Campus, 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil

Cantiga de sapos

- Afonso!
- Foi?
- Fui!
- Trouxe?
- "Truxe".
- Quanto?
- Deeeís...

Os moradores mais velhos de Tanquinho¹ e municípios adjacentes, no sertão da Bahia, principalmente os homens, ainda se põem, ao correr do dia e também da noite, a observar os fenômenos atmosféricos, o comportamento de animais, a disposição das plantas e a configuração dos astros em busca de sinais que prenunciem as chuvas ou a famigerada seca.

O sertanejo comumente acorda cedo: às três ou quatro horas da manhã já está de pé para começar o trabalho, se lida com a pecuária, ou simplesmente para matutar, sonhar, vendo o tempo passar e observar o céu, as plantas, a direção do vento, as cores das nuvens que precedem o nascer do Sol e o próprio astro, que podem fornecer indicativos da proximidade das chuvas. Assim, se o Sol nasce circundado por um arco-íris indica chuva. Se nasce ou em qualquer outro horário se apresenta circundado por uma névoa densa que nós chamamos de "lagoa d'água", é prenúncio de chuvas próximas. Se essa névoa for menos densa e de uma tonalidade rósea é indicativo de seca.

Assim como a alvorada, o pôr do Sol também pode fornecer indicações sobre o tempo. Se ele se mostra vermelho, em época de inverno, significa que ocorrerá uma noite fria, podendo garoar. Nós sertanejos sintetizamos isso no dito popular: "Vermelho ao sertão, velho ao fogão". Mas se, na mesma época, ao se pôr o Sol irradia um tom dourado de luz é chuva na certa.

A Lua talvez seja o astro mais ansiosamente observado. Suas fases, às vezes, podem fornecer informações muito precisas ao agricultor sertanejo que espera chuva ou por certos fenômenos agro-pecuários, como floração de plantas e partos de animais. De todas as fases, talvez a mais esperada seja a Lua Nova. Segundo a tradição, costuma chover durante ou em um dos três dias que a precedem. Se esses dias se passarem sem que ocorra a desejada precipitação, resta ainda a esperança de que o astro surja no céu, já em fase de Lua Crescente, com as pontas viradas para o zênite, em uma posição paralela ao horizonte e com a parte não iluminada pelo Sol bem visível, quando então di-

zemos: "A lua veio certa como um pote". E acrescentamos: "A água ainda não derramou". Fato que ocorrerá nos três dias seguintes, sob a forma de chuvas.

As fases Crescente e Cheia, mais do que a Nova, podem apresentar os fenômenos já relatados para o Sol. O arco-íris na Lua não é considerado tão promissor como no Sol. Mas a "lagoa d'água" é um indicativo seguro de chuva. As estrelas e planetas, quando apresentam quaisquer dos sinais acima citados ou uma cintilação muito acentuada, também indicam chuva. Mudança no curso da Via Láctea (Caminho de Santiago) é um indicativo ainda mais seguro.

Esses sinais, que sabemos serem apenas consequências de fenômenos ocorrentes na baixa atmosfera, o sertanejo vê como eventos celestes, ao lado de outros que efetivamente o são. Os fenômenos luminosos, bem visíveis nos céus do sertão, podem indicar chuva ou seca. As estrelas cadentes, conhecidas por "zelações", se ocorrem em grande quantidade em uma só noite não são bem vistas pelo povo, pois "sinal no céu, castigo na Terra". Assim dizem os mais velhos. Esse castigo pode bem ser a seca. Porém, estrelas cadentes grandes e coloridas que ocorrem no início da noite ou no final da madrugada prenunciam um ano chuvoso. Um grande número de zelações também pode significar um ano de chuvas se elas forem umas poucas por noite, durante várias noites seguidas. Como se diz "Ano de muita zelação é ano de muita chuva".

Em muitas culturas, antigas e atuais, os cometas eram ou são tidos como astros de mau augúrio, o que nos remete ao dito popular citado acima. Para nós sertanejos não é diferente, porquanto, segundo a tradição, durante o tempo em que um cometa permanece visível a chuva não cai e, logo que ele deixa de ser visto, ocorrem chuvas fortes com enchentes e, às vezes, inundações.

Os fenômenos atmosféricos, reconhecidos por nós sertanejos tais como, também ajudam na previsão do tempo. As nuvens, por exemplo, quando se apresentam na formação de cirro-cúmulos, chamada popularmente de "carneirinho" e "cova de anjo", a depender do horário. Se for à tarde, podem trazer chuva e vento, se essa formação ocorre ao nascer da Lua, envolvendo-a. Há inclusive um dito po-

¹ O município de Tanquinho está a cerca de 30 km ao norte de Feira de Santana.

pular para a conjunção dos fenômenos: “Céu escamento, ou chuva ou vento”. Quando as nuvens, geralmente cúmulos, se agitam em redemoinho é sinal de chuva muito forte ou “tromba d’água”, expressão que damos a uma chuva forte, rápida e localizada capaz de causar inundação, quedas de barreiras e deslizamento de pedras em poucos minutos.

Durante os meses de inverno no sertão a neblina matinal pode se apresentar de duas formas: total ou parcial. Quando a neblina é total, sabemos que haverá um dia de sol bem quente. Se é parcial, bem, sintetizamos seu significado no dito popular gêmeo: “Neblina na serra, chuva na Terra; neblina na baixa, sol que racha”. Quando o dia amanhece “limpo” e a neblina surge mais tarde, dizem que esta só se dissipará com chuva.

O arco-íris também é levado em conta na previsão do tempo. Na maioria das vezes, significa a suspensão das chuvas, havendo até uma referência bíblica que assim o interpreta. Porém, pode significar a vinda de chuvas não só nos casos já mencionados, como também quando ocorre pela manhã ou aparece incompleto, o chamado “olho de boi”.

O chuveirinho (garoa) e o “taco-taco” ou “apaga-poeira” (gotas de chuvas grossas e rápidas), ocorrendo pela manhã no final do inverno, é sinal de que ocorrerá um estio prolongado ou uma seca, conforme persistam ou deixem de ocorrer.

Entre os meses de outubro e janeiro, monitoramos a temperatura e a direção dos ventos. Se o calor estiver abafado, sem vento, podem chegar enfim as tão esperadas trovoadas. Mas se ocorrem ventos quentes, vindos sempre da mesma direção, perdemos a esperança enquanto esses ventos perdurarem, ainda que se resfriem. As fumaças de chaminés ou de queimadas podem dar indicação de chuvas imediatas (até três dias), caso se espalhem na baixa atmosfera. Porém, se sobem como se estivessem em uma chaminé invisível, o tempo manter-se-á seco.

Em termos de temperatura, a diferenciação no calor das águas pode servir de indicativo de chuvas próximas. Durante o verão, enquanto as águas de um reservatório se mantiverem frias abaixo da superfície, não haverá chuva. No inverno, isso se inverte: enquanto as águas abaixo da superfície se mantiverem quentes, a chuva, se houver, será escassa.

Os animais e a previsão do tempo

Prever o tempo pela observação do comportamento animal não é nenhuma novidade para os seres humanos. Os incas já o faziam, séculos atrás, para prever a ocorrência do fenômeno hoje denominado El Niño. No caso, o indicativo era o surgimento em grandes quantidades de uma espécie de molusco da costa do Pacífico Norte.

Entre os animais cujo comportamento nós de Tanquinho observamos, há predominância dos cordados (vertebrados), com 22 espécies. Depois aparece o filo Arthropoda, com 16 espécies. Dividindo os vertebrados por classe, encontramos quatro espécies de peixes, três espécies de anfíbios, 11 espécies de aves e quatro de mamíferos. Quanto às classes de Arthropoda, vamos encontrar os

insetos com 14 espécies, os aracnídeos com uma espécie e os diplópodes, também com uma.

Começamos pelos insetos. O aparecimento de insetos no interior das casas em geral é interpretado pelos sertanejos como sinal de chuvas próximas. Assim, quando após as chuvas de trovoadas ou mesmo sem elas, começa a aparecer uma espécie de coleóptero, conhecido localmente como besourinho-de-chuva (espécie não determinada), o inverno será de chuvas constantes, dizemos.

Quando os marimbondos vermelhos (*Polistes canadensis*), espécie de vespa, fazem seus ninhos dentro das casas ou nos beirais, é prenúncio de um ano bom de inverno e de trovoadas.

Existe um pequeno inseto, chamado de “fartura” (Neuroptera: Chrysopidae), que se camufla carregando nas costas pedacinhos de folhas secas, líquens e outros detritos. Quando encontramos um desses bichinhos com uma carga muito grande de detritos é como se achássemos um trevo de quatro folhas, pois dizemos que é um sinal certo de uma estação farta em colheitas.

Baratas domésticas (*Periplaneta americana*) voando são indício de chuva iminente. Baratas também podem servir de indício de chuvas próximas se começarem a circular durante o dia e em locais insólitos da casa. Segundo informação de alguns moradores, esse comportamento estranho das baratas seria causado pelo ataque de “correição”, espécie de formiga carnívora que, também segundo eles, invadem as casas, com a proximidade das chuvas, em ataque às baratas e outros insetos e também ao homem, atacando até os gêneros alimentícios, como carne, leite e derivados.

Entre os insetos, as formigas são os mais representativos quando se trata de prever a chegada das chuvas, tanto que elas são mencionadas várias vezes e diversas espécies delas. Qualquer espécie de formiga caseira andando, aparentemente sem objetivo e em grande número, denuncia chuva iminente. Outrossim, qualquer formiga caseira ou silvestre, carregando os “filhos” (larvas e pupas), mudando de um lugar para outro, é chuva na certa. As cortadeiras, saúvas, lavradeiras, bocas-de-capim (todas do gênero *Atta*), quando são vistas “carreando”, ou seja, carregando folhas durante o dia, dizemos: “Pode botar as vasilhas na goteira” – um modo de dizer que as chuvas cairão logo e que é mister aproveitar o precioso líquido que escoará pelas calhas.

Também existe na região uma espécie de formiga vermelha e malcheirosa conhecida pelo nome de “formiga tonta” porque parece andar às tontas próximo ao formigueiro construído como um minúsculo vulcão de terra solta. Quando essas formigas refazem a entrada dos seus formigueiros anunciam chuva.

Ocasionalmente, nos meses que precedem as chuvas de trovoadas, pessoas mais curiosas escavam formigueiros e quebram cupinzeiros em busca dos insetos alados (machos e fêmeas), que só serão encontrados caso as chuvas estejam muito próximas. Há um indicativo de que as chuvas de trovoadas persistirão, englobando um fenômeno atmosférico e formigas. Se por acaso a revoadas das tanaju-

ras e bitus (fêmeas e machos de saúvas, *Atta* spp.) termina abruptamente por uma chuva forte e eles são carregados na enxurrada, é sinal de que as chuvas além de contínuas serão fortes.

As aranhas caranguejeiras (*Mygalomorpha*) indicam, quando são vistas dentro das casas ou mesmo à beira dos caminhos, após as primeiras chuvas de trovoadas, que estas persistirão.

No início do inverno, a presença de muitos gongos ou emboás brancos, espécie de diplópode, é interpretada como sinal de que as chuvas serão contínuas e de que as safras do inverno que se inicia serão boas.

A variação no comportamento de um animal pode ser um indicativo de chuva ou de sol. A formiga-leão, que não é uma formiga, mas sim a larva de um inseto da ordem Neuroptera, escava uma armadilha no solo, em forma de cone invertido, para capturar suas presas. Tais armadilhas podem ser um indicativo de chuva se forem escavadas na sombra de uma casa ou de uma árvore. Contudo, o tempo pode continuar seco se essas armadilhas estiverem em locais ensolarados. Já as libélulas ou beij'água, se voam alto e ao sol, o tempo continuará seco; se voam baixo e à sombra, choverá.

Existem também insetos cuja presença nas casas indica estio e até seca prolongada. São os tiberinhos, coleópteros de mais ou menos 0,5 cm de comprimento e de cor acinzentada.

Entre os vertebrados, os peixes podem indicar a proximidade de chuvas ao sertanejo que os observa. Quando piabas e corrós se mostram muito agitados, pulando fora da água e mordendo a isca com facilidade, é sinal certo de chuva muito próxima. Traíras (*Hoplias* sp.) e piranhas (*Serrasalmus* sp.), embora não cheguem a pular fora d'água, se tornam muito fáceis de pescar no anzol com a proximidade das chuvas.

Quanto aos anfíbios, rãs caseiras (pererecas) coaxando durante o dia e em pleno verão são um indicativo de chuvas nem sempre fortes. Sapo cururu (*Bufo marinus*) “arremedando galo” ou andando durante o dia, se não houver lagartas, prenuncia chuva. Existe também um pequeno sapo, conhecido pelo nome de “sapinho de enchente” (espécie não identificada), cujo coaxar depois das primeiras chuvas indica a continuidade dessas, provocando enchente.

As aves representam uma bênção para o sertanejo. Produzem comida (ovos), servem de alimento, distraem-no com os seus cantos, acorda-o nas madrugadas e ainda o auxiliam a prever o tempo. E não pense, leitor, que são poucas “as auxiliares”. Na região de Tanquinho, catalogamos 14 espécies cujo comportamento é observado com esta última finalidade. Número maior que o de qualquer outro grupo de vertebrados. Se algumas aves, pelo seu comportamento, prenunciam chuvas, outras existem que prenunciam secas fortes e prolongadas e ainda outras nas quais se observa a variação comportamental, pois tanto podem prenunciar chuvas como secas.

Começemos por aquelas que prenunciam chuvas

e por duas espécies que desapareceram da região: as maracanãs (*Ara severa*) e as seriemas (*Cariama cristata*). As maracanãs, espécie de periquito, são aves migratórias que, quando passavam pela região, representavam um indicativo seguro de que as trovoadas não iriam falhar e de que estavam próximas. As seriemas quando cantavam (gargalhavam) ao meio-dia eram um indicativo de chuva iminente. Infelizmente, as seriemas desapareceram e as maracanãs já não passam mais pela região da qual tratamos. (Depois de ter escrito os parágrafos acima descobri que as seriemas estão de volta, embora só as tenha escutado na serra.) Corujões (*Rhinoptynx clamator*) cantando durante toda a noite é sinal de bom inverno. O caboré ou coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*) quando sai durante o dia é sinal de chuvas próximas. Existe também uma pequena coruja cujo nome é uma onomatopéia do seu canto, que prenuncia chuvas fortes e contínuas. A corujinha é conhecida pelo nome de “enche rio, corre, corre, corre” (espécie não identificada).

As saracuras ou três-potes (*Aramides* sp.), aves ribeirinhas hoje raras, quando cantam ao meio-dia ou no início da tarde prenunciam chuvas rápidas e fortes para aquele mesmo dia.

Os paturis (*Dendrocygna* cf. *viduata*), aves que vivem em bando, quando começam a se agitar, voando de uma represa para outra e fazendo barulho, não tarda a cair as chuvas de trovoadas, principalmente se essa agitação ocorrer durante o dia. O gavião-peneirador (*Elanus leucurus*) quando, à tardinha, permanece planando (peneirando) por muito tempo, sem descer em busca da presa, é também sinal de chuvas próximas (trovoadas). Pica-paus cantando de manhãzinha são um sinal de chuva.

Embora as secas não necessitem de previsão, pois são quase certas, o temor de que ocorram sem que se esteja preparado para tanto, leva o sertanejo a observar seus prenúncios com a mesma ansiedade que observa os prenúncios de chuva. Entre as aves há algumas que podem ajudá-lo nesse mister. O João-de-barro ou Maria-barreira (*Furnarius rufus*) sempre constrói o ninho, feito de argila, abrindo para o ponto cardeal contrário ao dos ventos predominantes naquela temporada. Se em época de trovoada as entradas dos ninhos estiverem abertas para o Norte ou para o Oeste é sinal de que as chuvas, se vierem a ocorrer, serão muito fracas.

A sabiá-coca (*Turdus amaurochalinus*) quando se avizinha muito das casas é sinal de seca. Se, ao final do inverno, bom ou ruim, ouve-se o canto do “peixe-frito” (também uma onomatopéia) (*Tapera naevia*) a seca perdurará enquanto essa ave emitir seu canto. Tal ave canta geralmente durante o dia, mas também pode fazê-lo durante a noite.

Outra ave que não gostamos muito de ouvir o canto é o “lagarteiro” ou “chamador-de-lagarta” (*Coccyzus melacoryphus*). Normalmente, ele aparece no início do inverno mesmo que ainda não tenha começado a chover. E quando o lagarteiro aparece é sinal de pouco inverno e muita lagarta. Nós sertanejos explicamos essa ocorrência simultânea. Bons invernos geralmente começam com aguaceiros mais

ou menos fortes, que levam as lagartas nas enxurradas logo que essas eclodem dos ovos. Não havendo esses aguaceiros, o inverno não é bom e as lagartas prosperam.

A acauã (*Herpetotheres cachinnans*), ave tida pelos sertanejos como agoureira, e assim cantada por Luiz Gonzaga, pois normalmente prenuncia seca, quando canta à tardinha e em época de inverno está prenunciando chuva para o dia seguinte, principalmente se a “cantora” estiver pousada em uma árvore com folhas.

Alguns mamíferos, incluindo seres humanos (*Homo sapiens sapiens*), são também alvo da observação dos sertanejos em busca de sinais que lhes dêem uma esperança de sobrevivência no seu torrão por mais um ano ou um semestre.

Às tardes, o gado vacum comumente se reúne nas “malhadas”, próximas à casa da fazenda, onde descansa e remói, quando não fica procurando restos de colheita para comer. Se durante o verão os animais mudam esse comportamento e passam a escavar, mugir em um tom diferente, chamado “esturro”, e os adultos começam a correr e espinotear (jogar cabriola), o contentamento é geral, pois acreditam que as trovoadas estão prestes a chegar. Agora, se os cavalos são encontrados no pasto inteiramente suados, como se estivessem trabalhando, então sim “pode pôr as vasilhas na goteira”, pois não demora a chover.

Durante o inverno, quando os guigós (*Callicebus* sp.), espécie de macaco, “cantam” à tardinha é sinal de chuva no dia seguinte.

Há uma previsão que envolve mamíferos e insetos. Quando, em pleno verão², os agricultores estão preparando a terra para o cultivo, observam os animais que se escondem no mato. Se houver uma grande quantidade de ninhadas de ratos, o inverno que se avizinha será chuvoso; se houver uma grande quantidade de grilos, será um péssimo inverno.

Mas, e o homem? Parece ser o menos preparado para prever o tempo, se excetuarmos o seu poder de observação e correlação de fatos. Somente os que padecem de alguma doença como cáries dentárias, reumatismo articular, calos e joanetes têm esse poder. Quando essas doenças incomodam com uma dor característica é chuva na certa.

As plantas e a previsão do tempo

Entre os seres vivos, nem só os animais auxiliam as previsões do sertanejo. Algumas plantas também, embora, por si só não dêem indicativo de chuvas ou seca. Combinados com outros fatores, elas podem indicar um ano farto ou mesquinho e ainda a época em que ocorrerão as chuvas.

Entre as plantas, talvez a mais conhecida com essa função seja o mandacaru (*Cereus jamacaru*), popularizada graças a uma música gravada por Luiz Gonzaga: “Mandacaru quando fulora na seca é o sinal que a chuva chega no sertão [...]”. No entanto, não é a floração apenas que indica chu-

va. As flores do mandacaru só se abrem à noite e se fecham comumente antes do nascer do Sol. Porém, talvez devido à umidade do ar, elas podem permanecer abertas após o amanhecer. Nesse caso, o sertanejo interpreta como sinal certo de que as chuvas virão em breve. Da barriguda (*Chorisia ventricosa*), observa-se a época da floração. Seus frutos levam cerca de três meses para abrir e dizemos que as chuvas não chegam antes que eles estejam maduros e conseqüentemente abertos. Então, quanto mais cedo for a floração da barriguda, mais cedo serão as trovoadas. Característica semelhante exibe o juazeiro (*Ziziphus joazeiro*). Se os frutos amadurecerem entre os meses de março e abril, o inverno virá cedo; se demorarem a amadurecer, o inverno virá mais tarde. A tradição é omissa com relação à quantidade ou mesmo à continuidade das chuvas.

Os ipês e paus-d’arcos (*Tabebuia* spp.) são caducifólios, isto é, perdem as folhas em determinada época do ano. Ocorre, porém, que nem todos os indivíduos perdem as folhas todos os anos. Quando um número grande dessas árvores perde as folhas, dizem, haverá trovoadas. Mas se o número de árvores que mantém as folhas for maior, as trovoadas serão escassas, se vierem.

A jaboticabeira (*Myrciaria jaboticaba*) também é uma planta observada por nós, pois dizemos que quando a planta solta suas cascas as chuvas de trovoadas estão próximas.

A quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium*), segundo as pessoas que delas se lembraram, ratificando meus conhecimentos adquirido nos anos de juventude, não dá indício sobre a previsão do tempo, mas sim sobre as safras. Para eles, “ano de muita quixaba é bom para plantar feijão”. Isso quer dizer que quando há uma grande quantidade de frutos da quixabeira, haverá também uma farta safra de feijão. Disso, para quem conhece bem a região também se pode inferir que o inverno não será muito frio, pois o feijão dá melhor em invernos brandos ou relativamente mais quentes.

Uma planta que dava uma indicação sobre a chegada do inverno era a cebola (*Allium cepa*). Uso o verbo no passado porque se trata de uma experiência de minha família, e de outras tantas da região, em uma época na qual se guardavam as cebolas em réstias ou mesmo em saquinhos acima do fogão a lenha – no fumeiro, dizia-se então. A partir do mês de dezembro, já se ia observando, ao cortá-las para o consumo diário, os pontinhos verdes, indícios do brotamento desses bulbos. Quanto mais cedo começassem a brotar, tanto mais cedo começaria o inverno. Se chegasse o mês de fevereiro e as cebolas continuassem inteiramente brancas, o inverno seria tardio ou não viria.

Nas primeiras chuvas do inverno, o nascimento de plantas, como o mata-pasto (*Senna obtusifolia*), prenuncia, no entender do sertanejo, um bom inverno, desde que cresçam em grande quantidade. Já outras, como o cecé (*Cleome* sp.), quando nascem em quantidade, prenunciam um inverno de poucas chuvas.

Na agricultura de coivara ou nos roçados, após as primeiras chuvas, a terra calcinada se cobre de plantas, muitas das quais da família Convolvulaceae – as jitianas

²Há que se explicar que o que é chamado de verão nessa região é o período que vai de meados de agosto até março ou abril do ano seguinte. Portanto, do final do inverno – estação do ano – até meados do outono.

(*Merremia* sp.). Quando as jitiranas são de uma espécie de flor alva, o inverno será péssimo; se forem de uma espécie de flor roxa, o inverno será bom ou ao menos razoável.

“Catinga-de-porco chorando é seca certa”, diz desanimado o sertanejo. A catinga-de-porco (*Caesalpinia pyramidalis*) é uma arvoretinha da família das leguminosas que, segundo tudo indica, em condições atmosféricas especiais, condensa a umidade do ar e deixa cair as gotas de água no solo.

Indiretamente, as plantas de qualquer espécie podem fornecer indícios de chuva no curto prazo. São as madeiras, lenhas e carvões vegetais. Portas e janelas quando empenam, apresentando dificuldade para fechar, indicam que se pode esperar chuva imediata. Lenha ou carvão vegetal quando estalam ao queimar ou custam a acender é também um indício de chuvas.

As crenças e crendices na previsão do tempo

Falar sobre cultura popular e não relatar as crenças e crendices, o lado mítico, é fugir à própria expressão da Cultura Popular. Na previsão do tempo, as lendas e as crenças também têm seu papel. É conhecidíssima, por exemplo, a crença de que se o dia 19 de março, dia de São José, for chuvoso, o inverno também o será, começando a partir daquele mês. Além disso, o milho plantado nesse dia seguramente estará maduro para a colheita e o preparo de guloseimas nas festividades de São João, em junho. Embora nem sempre os fatos comprovem a crença na continuidade das chuvas, o ciclo do milho é realmente de três meses e se plantado no mês de março estará maduro no mês de junho.

Outra crença religiosa, essa com base em uma lenda, é a dos “dias de Santa Luzia”. Diz-se que Santa Luzia era agricultora e que teria pedido a Jesus Cristo um meio para prever o tempo e saber os meses nos quais poderia plantar, sem riscos de perdas. Conta-se que Jesus teria lhe dito: “Observa os dias entre o teu e o Meu dia. Os que forem chuvosos corresponderão aos meses chuvosos e os que forem secos corresponderão aos meses secos”. Desde então, observam-se esses dias, entre 13 e 24 de dezembro, contando-se os dias chuvosos. O resultado dessa contagem, comenta-se, geralmente corresponde aos acontecimentos previstos.

E há também as adivinhações. Uma delas é a da germinação do milho. Na noite de São João, plantam-se na beira de uma fogueira doze grãos de milho, enfileirados, determinando-se o início e o fim da fila. Após três dias, re-

tira-se a terra e verifica-se o estágio de desenvolvimento de cada um. Os que estiverem com a plântula (grelo) maior corresponderão a meses chuvosos; os que não germinaram corresponderão a meses extremamente secos; e os que estiverem com a plântula menor corresponderão a meses de pouca ou nenhuma chuva.

Outra adivinhação é a das pedrinhas de sal. Na noite de 31 de dezembro, dispõem-se doze pedrinhas de sal grosso sobre os nomes dos meses escritos em um papel e coloca-se tudo no peitoril de uma janela, pelo lado de fora. No primeiro dia do ano, antes do Sol nascer, verifica-se as que se dissolveram durante a noite e em cima de quais nomes elas estão, pois esses corresponderão aos meses chuvosos do ano entrante.

CONCLUSÃO

Após nos informar sobre uma ou outra forma de prever o tempo, jamais deixamos de acrescentar: “Deus disse que quando o homem quisesse saber mais do que Deus, Ele mudaria o tempo”.

Por último, falo eu, filha de agricultores, nascida e criada na zona rural da região e que ainda hoje, moradora da zona urbana, sem dispor desse arsenal completo, quer astronômico, zoológico ou botânico, ainda posso prever o tempo com cerca de 95 por cento de chances de acerto para chuvas, já que para o tempo de sol, como dizemos, não é preciso previsão. Ele é certo.

Com a palavra os meteorologistas, astrônomos, etólogos, etnólogos, climatólogos, botânicos e antropólogos, aos quais eu dedico esses depoimentos para que os decodifiquem e expliquem porque essas tradições se conservaram ao longo do tempo, de onde vieram e, acima de tudo, por quê são tão acertadas essas previsões.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aqui e de público aos meus informantes, principalmente a meu pai, que, espero em Deus, ainda não de passar seus conhecimentos a muitos outros das novas gerações: Almerindo Sampaio de Oliveira (Nininho da Floresta); Elpidio Ferreira (Pide); Guilhermina Pereira (Tivêio); Hildebrando Ferreira (Dedé); José Belmiro Ferreira; Pedro Pereira (Pedro de Santinha); Tertuliano Pereira (Tartule).

Quero também prestar uma homenagem póstuma ao senhor Cirilino Barbosa (Cilu do Malhador), cujas previsões do tempo jamais vi falhar e a quem devo a maioria das informações relativas aos fenômenos atmosféricos e suas relações com o tempo.